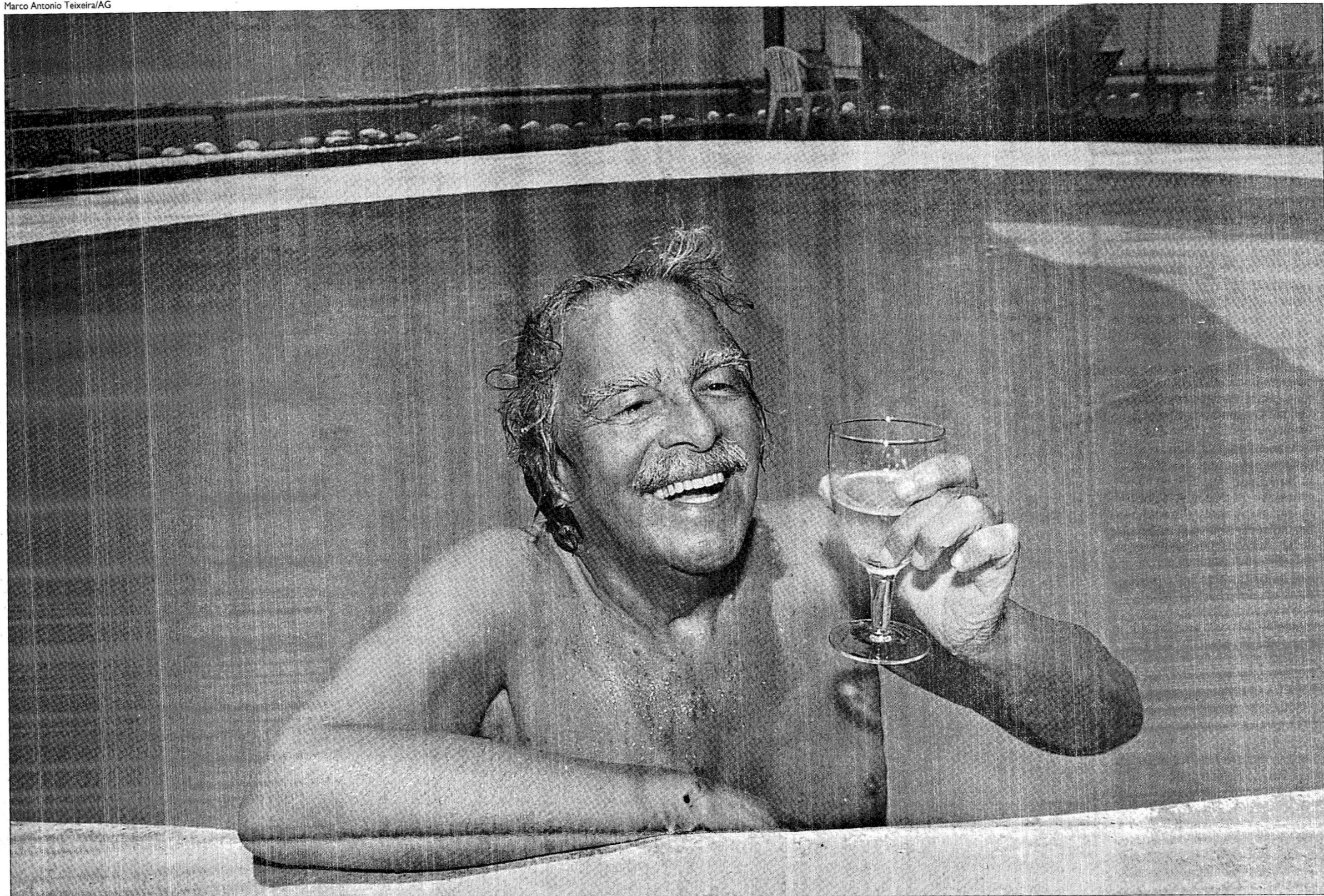




Darcy Ribeiro abre o jogo e despede-se da vida em *Confissões*, seu último livro, a ser editado em breve. Aos amigos mais próximos, revelou que já tinha na cabeça a história para escrever um novo romance

AS CONFISSÕES

Paixões secretas, lembranças da infância, o exílio. Darcy abriu o jogo em livro inédito

Ronaldo Brasiense
Da equipe do Correio

Confissões, livro inédito de Darcy Ribeiro, vai desnudar a vida do polêmico e vaidoso antropólogo, escritor e político, desde a sua infância, em Montes Claros (MG), até os dias atuais, em Brasília, na luta contra o câncer que o consumia.

Os incontáveis amores, a vida entre os índios, os anos no exílio durante a ditadura militar, a convivência com amigos e inimigos, a política e os sonhos de Darcy Ribeiro estão condensados num calhamaço de 500 páginas que, muito breve, estará editado. Em *Confissões*, Darcy abre o jogo sobre sua vida como nunca tinha feito antes.

Começa pelo século XIX lembrando da bisavó, que ficou viúva e arranhou um amante. Para fugir dos comentários maldosos da pequena Montes Claros, a bisavó decidiu casar o amante com sua própria filha, a avó de Darcy. Num domingo, a avó de Darcy voltou mais cedo da missa e encontrou o marido saindo de ceroulas do quarto da mãe. Passou a odiá-lo e a tratá-lo apenas de "o homem" ou "ele". Nunca mais pronunciou seu nome.

Apesar do ódio mortal que dedicava ao marido, a avó de Darcy teve oito filhos dele. Assim como a mãe, também ficou viúva. Quando estava morrendo, fez seu último pedido: não queria ser enterrada, de jeito nenhum ao lado do "homem". Disse isso e morreu.

Em *Confissões*, o controvertido Darcy conta muitos "causos" de sua infância em Montes Claros.

Ele revela que, aos oito anos, recebeu

proposta de uma tia que havia acabado de perder um filho: queria que ele, Darcy, chupasse o leite de seu peito para aliviá-la da dor. Em troca, ofereceu a Darcy 400 réis. Por várias semanas, Darcy cumpriu o combinado, cuspidando fora o leite que sugava. Aliviava a dor da tia e ainda ganhava uns trocados.

"Esse foi o meu primeiro emprego", ironiza Darcy, em *Confissões*.

Alguns anos depois, já com 13 anos, ainda virgem, teve seu primeiro encontro com uma prostituta. No prostíbulo enfeitado, um adolescente Darcy encarava uma profissional.

"No início eu estava empolgado com o corpo, os pêlos da mulher. Até que ela tirou o sutiã e me ofereceu o peito. Aí não deu: comeci a sentir náuseas, ânsia de vômito, lembrando o leite que sugava do seio da tia, e saí correndo do quarto. Continuei virgem", admitiu.

O livro revela em detalhes a passagem de Darcy pela Casa Civil do governo João Goulart — quando conseguiu a liberação de 162 terrenos no Distrito Federal para viabilizar financeiramente a Universidade de Brasília — sua experiência na política como vice-governador do Rio de Janeiro e senador da República e seus casos amorosos.

No final de *Confissões* Darcy Ribeiro se despede da vida. Lamenta não ter "mais tempo para contar novas histórias" e conclui: "Vim para essa vida com uma missão e acho que fiz tudo o que poderia ter feito."

Apesar da despedida em *Confissões*, Darcy confidenciava aos amigos mais chegados que tinha em mente um romance, que gostaria de escrever se o

câncer permitisse. Não teve tempo.

UM MULHERENGO QUE CHUTAVA MUITO

A fama de mulherengo, que Darcy Ribeiro gostava de exibir por onde andava, não passava, em grande parte, de invenção. Ao contrário do que propalava, Darcy Ribeiro sempre teve relações amorosas sólidas.

Com a antropóloga Berta Ribeiro — a única com quem casou oficialmente, em juízo — viveu 30 anos. Com sua segunda mulher, Cláudia Zarvos, conviveu por mais de 10 anos. Sua última companheira, Irene Ferraz, partilhou da companhia de Darcy Ribeiro por mais seis anos. Somente com as três, Darcy Ribeiro passou 46 anos de seus 74 anos de vida.

Darcy Ribeiro dava, é verdade, algumas "escapulidas". E suas mulheres sempre tiveram que suportar seus casos extra-conjugais. É o que revela a empresária Vera Brant, amiga e confidente de Darcy por mais de 40 anos, garantindo que o polêmico antropólogo, escritor e político contava muita vantagem em relação às mulheres, mas inventava casos amorosos que, na realidade, nunca teve. "Darcy chutava muito", assegura.

Vera Brant lembra que em 1989 Darcy Ribeiro — já com mais de 60 anos — deu uma entrevista a um programa de televisão e confessou que estava namorando uma jovem de 25 anos. "Ela é linda e ca-

rinhosa", gabou-se Darcy.

"Depois, quando os amigos perguntaram sobre quem era essa misteriosa namorada, Darcy riu muito e disse: — É tudo mentira. Eu falo que tenho uma namoradinha de 25 anos para que as meninas de 25 anos fiquem animadinhas", recordou Vera Brant. Galanteador emérito, Darcy não perdia oportunidade para dar uma "cantada" em mulheres bonitas. Se colasse...

Outra namorada que marcou a vida de Darcy, segundo Vera Brant, foi uma milionária venezuelana — filha de um magnata do petróleo e dono de jornal — que conheceu quando vivia em Lima, no Peru.

"Ela (a namorada venezuelana) tem 26 anos, é lindíssima, e tem um castelo em Dusseldorf, na Alemanha", contou Darcy a Vera Brant, nos idos de 1978, quando já havia retornado ao Brasil. "A Berta (à época mulher de Darcy) chegou a me pedir ajuda para acabar com esse romance", recorda Vera Brant.

O namoro com a milionária venezuelana acabou cedo. Darcy dizia que não tinha saco para viver em castelo na Alemanha, escrevendo livros, e muito menos de viver na dependência de mulher.

Darcy Ribeiro não perdia oportunidade para propagar seus feitos sexuais. Em Brasília, meses atrás, em conversa com o cineasta Silvio Tendler, então secretário de Cultura do Distrito Federal, disparou: "Você conhece alguém que já tenha transado com avó, mãe e filha de uma mesma família?". E respondeu, sem esperar resposta: "Eu já transei!"

NAMORAR, ESCREVER E VER NOVELA NA TV

Nos últimos dias de vida, muito debilitado, Darcy convivia com a certeza da morte. Lamentava não viver o suficiente para fazer coisas importantes, como namorar, namorar, namorar, escrever livros e assistir ao final da novela Xica da Silva, da TV Manchete.

No sábado, 15, esbanjando bom humor apesar das dores persistentes, das transfusões de sangue e do clima de hospital, que detestava, propôs a Vera Brant que trocasse de lugar com ele. "Você morre e eu vivo", disse, ironizando a própria situação.

Para animá-lo, Vera Brant pediu aos amigos que ligassem para o hospital. O primeiro a telefonar foi o arquiteto Oscar Niemeyer, seu grande amigo, responsável pelo projeto da sede da Fundação Darcy Ribeiro, a ser construída próxima à reitoria da Universidade de Brasília.

Darcy se queixa: diz que está morrendo. E recebe carinhos do homem que projetou os mais importantes monumentos de Brasília. "Que é isso, Darcy? Vamos morrer juntos só daqui a 20 anos!", incentivou Niemeyer. O governador Cristovam Buarque também telefonou. Detalhou o convênio que vai assegurar a implantação da Fundação Darcy Ribeiro. Cristovam adiantou que, pelos termos do convênio, a Fundação teria espaço garantido, numa área de dois mil metros quadrados, por 100 anos, renováveis por mais 100 anos. "Darcy ficou feliz", revela Vera Brandt, concluindo, emocionada: "ele viverá para sempre".